



GT 15. Antropologia, Performances e Patrimônios: saberes insubmissos

Coordenador(es):

Paulo Jorge Pinto Raposo (ISCTE)

Scott Head (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 1

Debatedor/a: Izabela Maria Tamaso (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Sessão 2

Debatedor/a: Filipe Marcelo Correia de Brito Reis (ISCTE)

Sessão 3

Debatedor/a: Renata de Lima Silva (UFG - Universidade Federal de Goiás)

O GT tem por objetivo reunir de comunicações que incorporem reflexões antropológicas sobre as dimensões performativas e imateriais da cultura, notadamente a relacionada a processos de patrimonialização. Interessa-nos (1) entender como se evidenciam diálogos tensos e negociações entre saberes insubmissos, insurgentes e subalternos, materializados em performances culturais e cenários institucionalizados, que acionam a patrimonialização; (2) observar dinâmicas entre patrimônio(s) e performance(s) explorando as dimensões criativas e processos de objetificação cultural de repertórios culturais menos visibilizados ou minoritários; ou as tensões entre expressões culturais de natureza performática (festas, rituais, formas estéticas) e dinâmicas contemporâneas de classificação dessas formas expressivas, marcadas por resistências anti-patrimoniais ou processos insurgentes de empoderamento; (3) entender como formas de exibição dessas manifestações expressivas da cultura se dinamizam através de propostas insubmissas - museus, galerias, no espaço público, eventos ou plataformas virtuais - visando produzir formas mais ou menos canônicas de cultura. Pretendemos pensar criticamente os limites e as dimensões imateriais da cultura e da produção cultural do real. Serão bem vindas propostas em diversos formatos, contribuindo para uma certa descolonização na transmissão de ciência, seja pela tradicional comunicação oral, pelo ensaio audiovisual, instalação comentada ou conferência-performativa.

?Na hora da tua ronda, tu te benze!? : experiências e narrativas sobre os casarões do Centro Histórico de São Luís

Autoria: Gabriela Lages Gonçalves (UFMA - Universidade Federal do Maranhão), Abigail Vale Rocha

Este texto parte do work de campo que temos construído sobre a convivência entre pessoas e seres intangíveis (visagens, assombrações, espíritos etc.) no Centro Histórico de São Luís, capital do Maranhão. No bairro da Praia Grande, onde temos aprofundado relação estreita de pesquisa, encontram-se casarões centenários que marcam a trajetória histórica e social da cidade que recebeu o título de Patrimônio Mundial da Humanidade desde 1997. Com base em minha pesquisa etnográfica para dissertação e investigações em andamento pelo projeto "Casa e Mobilidade no Maranhão: uma pesquisa antropológica", percebemos as relações moldadas entre pessoas e casarões através de histórias de vida, experiências ou narrativas sobre presenças intangíveis que por ora se materializavam através de ações, objetos, superfícies, aparições e outras diversas formas de manifestação. Buscamos refletir aqui sobre a figura do vigilante como um porta-



voz de experiências dessa natureza ? um conhecedor da dinâmica das ?assombrações? do Centro Histórico que conecta casarões, ruas e espíritos através da sua profissão de vigiar prédios antigos. Para tanto, elaboramos a reflexão a partir de três pontos neste texto: a. a figura do vigilante narrador e ?solitário?; b. mapeamentos sobre as visagens entre ruas e casarões; c. notas sobre lugares, presenças e emoções. Nesse sentido, consideramos que as vivências dos profissionais da segurança colaboram para um ciclo de narrativas e performances que são constantemente associadas ao Centro Histórico da cidade de São Luís.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: